

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

CAMPUS V – CAJAZEIRAS – PB

CURSO: PEDAGOGIA

**A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
TEORIA E PRÁTICA**

CAJAZEIRAS-PB

2005

NELI SALVINO CORREIA

**A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
TEORIA E PRÁTICA**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Campina Grande, Campus V, Curso de Pedagogia como pré-requisito para obtenção de grau de licenciatura em Pedagogia sob a orientação da professora Elzanir dos Santos.

CAJAZEIRAS-PB

2005



C824p Correia, Neli Salvino.
A prática da avaliação da aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental: teoria e prática / Neli Salvino Correia. - Cajazeiras, 2005.
39f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2005.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Avaliação da aprendizagem. 2. Ensino fundamental-aprendizagem. 3. Supervisão escolar- prática. I. Santos, Elzanir dos. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.26

NELI SALVINO CORREIA

**A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
TEORIA E PRÁTICA**

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Elzanir dos Santos
Orientadora

Neli Salvino Correia

CAJAZEIRAS-PB

2005

À minha família, esposo, filho e irmã que
contribuíram de forma direta para a
realização de mais uma etapa da minha
vida.

“Educar é mais do que ensinar a ver de uma certa forma.
É desejar que se veja de muitas formas”.

(Luís Carlos de Menezes)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	01
CAPÍTULO I	
Avaliação da Aprendizagem Escolar: o processo em questão -----	03
A avaliação no Processo de Ensino-Aprendizagem como Instrumento na Construção do Conhecimento-----	13
CAPÍTULO II	
Procedimentos Metodológicos -----	23
CAPÍTULO III	
A Avaliação numa perspectiva autêntica e significativa -----	25
Estágio Supervisionado: o despertar de uma prática -----	33
A prática da Supervisão na escola -----	36
CAPÍTULO IV – Considerações Finais -----	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	41
ANEXOS -----	42

INTRODUÇÃO

A temática da Avaliação é um elemento de suma importância ao processo de ensino-aprendizagem, e sua articulação ao projeto pedagógico desvelando a concepção educativa, constitui o grande mito e maior desafio para aqueles que fazem a educação.

Partindo do pressuposto de que a forma como a avaliação é encarada e desenvolvida nas escolas é um dos fatores determinantes para o sucesso ou fracasso do processo educacional é fundamental, para aqueles que estão engajados com a educação, compreender como os professores a praticam, particularmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Assim, o tema em estudo enfoca a dificuldade de se desenvolver um processo avaliativo eficaz tanto para educandos quanto para educadores, visto que este, ainda hoje, é encarado como problema e não como solução.

Neste trabalho, objetivamos levantar dados acerca das concepções dos educadores a respeito da avaliação e, a partir destes, analisar e compreender como se dá a avaliação da aprendizagem escolar nas séries iniciais da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Crispim Coelho.

Este trabalho, não pretende, pois, esgotar todos os elementos relacionados a temática, mas, tão somente indicar caminhos possíveis para concatenar investigações que estejam preocupadas com a busca de saídas para o conflito ainda existente quando se refere a avaliação escolar.

Evidentemente que não se pretende ter chegado ao denominador significativo e definido para essa tarefa. Traz-se aqui, tão somente, uma contribuição para somar-se a tantas outras que buscam possibilitar uma reflexão sobre as concepções e práticas de avaliação da aprendizagem. Para tanto, seguir-se-á o seguinte roteiro:

O capítulo inicial tem por base as contribuições teóricas de estudiosos comprometidos com a educação como HOFFMAN, DEMO, LUCKESI, OLIVEIRA, LIMA, SAUL e tantos outros igualmente importantes.

O segundo capítulo traz informações quanto aos procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste estudo.

Por fim, o terceiro capítulo contempla a análise dos resultados obtidos com todo o estudo de campo, através de depoimentos dos educadores da escola.

CAPÍTULO I

UNIVERSIDADE FEDE
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: O PROCESSO EM QUESTÃO

Atualmente, em nossa sociedade, são constantes as discussões acerca do ensino e, em especial, do ensino público brasileiro que, por sua vez, passa por grandes dificuldades como a má qualificação dos professores, sucateamento das escolas, evasão e repetência. Diante desta realidade, a escola perde sua principal função que é a de contribuir, junto a outros seguimentos da sociedade, para a formação de cidadãos.

Em meio a este processo educativo, a avaliação consiste numa atividade que proporciona aos educandos e educadores um certo inconformismo por sua complexidade, como também, nas direções diversas que este processo pode tomar, comprometendo, como um todo, o processo de ensino-aprendizagem.

Com relação a esta gama de dúvidas que assola o processo avaliativo na escola Lima, (1994:15), destaca que, "...desta forma, chegamos ao início da década de 30... e, mais uma vez, sem respostas concretas para a escola...", enfatizando que esta complexidade atribuída à avaliação é desde muito tempo objeto de busca para os educadores.

Segundo LUCKESI, (1995:22), o termo "avaliar" tem sua origem do latim, provindo da composição avaliar que quer dizer "dar valor a". Todavia, destaca que o conceito de "avaliação" é formulado a partir das formulações da conduta de atribuir "um valor ou qualidade de alguma coisa, ato ou curso de ação".

Esta característica primária de “atribuir valor ou qualidade”, enfatizado por LUCKESI, na escola é cada vez mais utilizada como instrumento de poder, uma arma que o professor utiliza como recurso de repreensão na sala de aula.

Destaca ainda que “... em função de estar no bojo de uma pedagogia que traduz as aspirações de uma sociedade delimitadamente conservadora, ela exacerba a autoridade e oprime o educando, impedindo o seu crescimento” (LUCKESI, 1995:41).

Representando, pois, a avaliação uma forma de autoridade, os alunos e professores estão freqüentemente voltados para promoção, tanto que o termo “avaliar”, na escola, é associado a provas, notas, sucesso, fracasso, aprovação ou reprovação; de modo que, na maioria das vezes, quando se pensa na elaboração de técnicas e instrumentos de avaliação, o professor visa apenas uma atribuição de notas para aprovar ou reprovar os alunos e não para auxiliá-los nas dificuldades.

Desse modo, *“Os professores utilizam as provas como instrumentos de ameaça e tortura prévia dos alunos protestando ser um elemento motivador da aprendizagem [...]”*(LUCKESI, 1995:18).

Esta visão de avaliação como elemento de manutenção da sociedade, pode ser destacada na pedagogia tradicional, centrada no intelecto, na transmissão de conteúdos e na pessoa do professor como elemento fundamental do processo de ensino e aprendizagem; na pedagogia renovada e a escola novista, centradas no sentimento, na espontaneidade da produção do conhecimento e no educando com as suas diferenças individuais; e, a pedagogia

tecnicista, centrada na exacerbação dos meios técnicos de transmissão e apreensão dos conteúdos e nos princípios do rendimento.

Dentro deste modelo liberal conservador que gerou três pedagogias, conforme os descritos, a avaliação consiste num elemento disciplinador dentro da escola, que visa controlar e enquadrar os indivíduos no padrão social vigente.

Segundo LUCKESI, (1995:28):

A prática escolar predominante hoje se realiza dentro de um modelo teórico de compreensão que pressupõe a educação como um mecanismo de conservação e reprodução da sociedade. O autoritarismo, como veremos, é elemento necessário para a garantia desse modelo social, daí a prática da avaliação manifestar-se de forma autoritária.

Ou seja, cabe a escola a função de excluir milhões de crianças e jovens do processo educativo, sob a menção de serem incapazes ou desprovidos de certos conhecimentos conforme enfatiza Luckesi, (1997:26), “Sociologicamente, a avaliação da aprendizagem, utilizada de forma fetichizada, é bastante útil para os processos de seletividade social.”

Tendo em vista esta manutenção social, nesta visão, cabe ao professor estabelecer, através da avaliação, quais alunos estão aptos a seguir em frente e quais inaptos, ou seja, a continuarem parados sob o estigma de “incompetentes” do ponto de vista educacional.

Diante desta relação da prática educacional com os interesses sociais, não se pode compreender essa avaliação que se encontra nas escolas, se não se buscar entender o que ela revela, e porque se expressa dessa maneira.

Neste contexto, cabe-nos questionar as funções da avaliação dentro do processo educacional.

Desta forma, segundo HAYDT (1988:16), “*a avaliação tem, basicamente três funções: diagnosticar, controlar e classificar*”, que estão, por sua vez, relacionadas a modalidades de ensino.

A função diagnóstica do processo avaliativo tem como princípios a verificação da presença ou ausência de habilidades ou pré-requisitos determinados pelos objetivos da aprendizagem; identificar, discriminar e caracterizar as causas determinantes das dificuldades de aprendizagem. Esta, por sua vez, é realizada no início do curso, período letivo ou unidade de ensino, objetivando identificar que os alunos apresentam os pré-requisitos necessários para a obtenção de novas aprendizagens.

Segundo Sousa, (1993:137), “*A avaliação do rendimento escolar tem como função identificar, verificar o alcance dos objetivos, diagnosticando, portanto, as dificuldades, os problemas que possam estar impedindo o aluno de adquirir as aprendizagens propostas*”. (SOUSA, 1993: 137).

Já com a função formativa ou de controle, BLOOM (1971) (Apud Haydt, 1988:19) a define como a responsável por informar ao aluno e professor sobre os resultados que estão sendo alcançados durante o desenvolvimento das atividades, tendo em vista a localização de deficiências na organização do ensino de modo a possibilitar a reformulação no mesmo e aplicação de técnicas de recuperação do aluno.

Para tal, o objeto de medida condiz ao comportamento cognitivo, afetivo e psicomotor, pelos quais será possível localizar, apontar, discriminar deficiências, insuficiências no desenvolvimento do ensino-aprendizagem para eliminá-las.

Diante desta função, a avaliação toma novos rumos, ou seja, é evidenciada como elemento iniciador da busca por melhorias no processo de ensino-aprendizagem.

Baseada nesta função, a avaliação é realizada durante todo o decorrer do período letivo, visando verificar se os alunos estão atingindo os objetivos propostos no planejamento educacional.

Conforme nos afirma SOUSA (1993:46):

... a avaliação só tem sentido se estiver como ponto de partida e ponto de chegada o processo pedagógico para que, identificadas as causas do sucesso ou do fracasso, sejam estabelecidas estratégias de enfrentamento de situação”.

Por fim, a avaliação também apresenta a sua função classificatória, como ora é apresentada pelo modelo liberal que, por sua vez, visa classificar o aluno segundo o nível de aproveitamento ou rendimento alcançado, buscando, pois, uma consciência coletiva quanto aos resultados alcançados.

Desta forma, a avaliação com base na função classificatória visa identificar o que o aluno aprendeu, fazendo um juízo globalizante acerca do desenvolvimento dos conhecimentos. É, pois, realizada no final de um curso, período letivo ou unidade de ensino, visto que consiste no fato de classificar os alunos de acordo com os níveis de aproveitamento, tendo em vista a promoção ou não do mesmo de uma série para outra.

Com esta visão, para Sousa, (1993:53) “... o aluno é, então, classificado como inferior, médio ou superior quanto ao seu desempenho e pode acontecer de ficar preso a este estigma, não conseguindo desvelar seu potencial...”

Neste limiar a função avaliativa na escola toma rumos sociais, ao passo que, está no processo de avaliação a função de qualificar ou classificar.

LIMA (1994:74) destaca que *“a avaliação teria uma função de “qualificação e não a de classificação”, sendo esta última um instrumento contra a democratização do ensino. Teria, pois, um papel de diagnósticos da aprendizagem, no sentido de construir em lugar de sentenciar.*

Tomando por base estas três funções avaliativas e todos os elementos que as norteiam, diferentemente do que se vem sustentando até agora com concepção da educação, a avaliação que a maioria dos professores pratica e que a maioria dos alunos conhece, revela um modelo de escola que não se preocupa com a construção de conhecimentos, mas que trabalha como se a educação fosse meio para chegar a algum lugar na sociedade em que os indivíduos estão inseridos, um meio de ascensão social como é apregoado pelos populares: “O estudo é o único meio de subir na vida”.

Sendo este, meio de reprodução social, a escola trabalha a partir de uma visão de que o conhecimento é algo pronto e acabado sendo apenas objeto a ser acumulado pelos homens e devem ser repassados aos que vão à escola, sendo os mesmos considerados como meros receptores que devem memorizar tudo que lhes é ensinado, fixando tudo o que uma determinada classe social considera importante saber.

Assim, os processos de avaliação da aprendizagem dos alunos estão usualmente, centrados num desempenho cognitivo dos indivíduos, sem referência a um projeto político-pedagógico de escola, e, ainda, as avaliações escolares são direcionadas ao ato de aprovar ou reprovar os alunos.

Para LUCKESI, 1995:31:

A prática da avaliação escolar, dentro do modelo liberal conservador, terá de, obrigatoriamente, ser autoritário, pois esse caráter pertence a essência dessa perspectiva de sociedade, que exige controle e enquadramento dos indivíduos nos parâmetros previamente estabelecidos de equilíbrio social, seja pela utilização de coações explícitas, seja pelos meios sub-reptícios das diversas modalidades de propaganda ideológica. A avaliação educacional será, assim, um instrumento disciplinador não só das condutas conjuntivas como também dos sociais no contexto da escola.

Nesta visão, fixa-se a idéia de que só o professor é detentor do conhecimento, e somente a ele é incumbida as capacidades de pensar, falar, atuar, escolher conteúdos; assim, para que se estabeleça esta condição, a disciplina é necessária para assegurar a autoridade do professor e que para consegui-la são utilizados os vários “instrumentos pedagógicos”.

Desta forma, a avaliação utilizada nesta perspectiva vem a assegurar que o professor é sujeito e os alunos meros objetos receptivos de informações prontas.

Neste contexto, a avaliação decorrente pauta-se tão somente a função de estabelecer a classificação dos indivíduos, numa concepção de que a escola, tal como a sociedade, deve hierarquizar os alunos, classificando-os em bons, maus, médios, fracos, fortes, como base na idéia de que na vida não há lugar igual para todos e eles devem aprender isto desde cedo.

Segundo Luckesi, (1997:34):

...de fato, o momento de avaliação deveria ser um “momento de fôlego” na escalada, para em seguida, ocorrer retomada da marcha de forma mais adequada, e nunca um ponto definitivo de chegada, especialmente quando o objeto da ação avaliativa é dinâmico, como, no caso, a aprendizagem...

A partir desta visão de inadequação do momento avaliativo, Lima, 1994:27, questiona: “Poderiam os abusos da avaliação servir para encobrir a própria incompetência da escola, dos professores?”

É veemente a discussão que se apregoa nas escolas acerca de a quem cabe a culpa pelo fracasso escolar: ao processo educativo como um todo? A uma avaliação ineficaz que ver-se incumbida apenas à classificação em detrimento do diagnóstico necessário às melhorias da qualidade do ensino?

Para Sousa , (1993:137), *“a avaliação é uma faca de dois gumes. Diagnostica tanto a aprendizagem do aluno como o ensino oferecido pelo professor. O fracasso do aluno é o fracasso do planejamento”*.

Desta forma, é notório enfatizar que a avaliação não deve ser encarada como elemento isolado ou final do processo educacional como vem sendo desenvolvido na maioria das instituições escolares.

Segundo Luckesi, (1997:17), *“A avaliação da aprendizagem ganhou um espaço tão amplo nos processos de ensino que nossa prática educativa passou a ser direcionada por uma “pedagogia do exame””*

Nesta prática de examinar se os alunos assimilaram ou não os conhecimentos perpassados pelos educadores, os instrumentos avaliativos são encarados como *“elementos motivadores”*, como enfatiza Luckesi,(1997: 18):

...os professores se utilizam permanentemente dos procedimentos de avaliação como elementos motivadores dos estudantes, por meio de ameaça; os estudantes estão sempre na expectativa de virem a ser aprovados ou reprovados.

Esta forma de pensar deve-se ao fato de que a dinâmica de estrutura das sociedades de classes dominantes utiliza a educação como instrumento de dominação, uma vez que essas

sociedades são governadas por grupos dominantes e a cultura é postulada conforme o interesse desses grupos, e, sobretudo, enfatiza essa influência na escola por sua condição de produção de saber por excelência.

Assim, a escola, a didática, o currículo escolar e, sobretudo, a avaliação são reflexos dessa estrutura complexa de relação de poder.

O fracasso escolar é visto, então, como uma questão individual, próprio de cada aluno e seus problemas. No entanto, não podemos responsabilizar somente a ele, nem tão pouco ao professor que, muitas vezes, não é preparado para esta outra função, a de avaliador.

Tal postura trás como consequência a grande preocupação do professor em saber quanto o aluno merece, e o aluno em saber o quanto precisa para passar de ano.

Precisamos rever os paradigmas da avaliação do desempenho escolar, bem como da educação como um todo, para que a aprendizagem do aluno possa ir além da sala de aula.

O modelo classificatório de avaliação, em que os alunos são estigmatizados em aprovados ou reprovados, oficializa a concepção social excludente adotada pela instituição escolar. Neste sentido, o resultado do processo avaliativo é considerado como uma sentença, um veredicto final da capacidade do aluno que fica registrada e é perpetuado para o resto de sua vida, não somente pelos que fazem a instituição escolar, mas pelos pais e demais indivíduos que fazem parte do seu convívio social.

Desta forma, rever a concepção de avaliação é rever, sobretudo, as concepções de conhecimento, de ensino, de educação e de escola. Leva-nos a refletir e repensar em um novo

projeto pedagógico em que a avaliação esteja a serviço deste, apoiado em princípios e valores comprometidos com a criação do cidadão.

Infelizmente, ainda hoje predomina a hegemonia da avaliação tradicional, onde o sistema de ensino, professores, pais e todos os envolvidos no processo estão voltados para promoção ou não do educando, o que importa é a atribuição de valor quantitativo àquilo que o aluno desenvolve, sem que haja a preocupação real com a construção do conhecimento.

UNIVERSIDADE FEDE
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
AS PARAIBA

A Avaliação no Processo de Ensino-Aprendizagem como Instrumento na Construção do Conhecimento

Pensar a avaliação de forma a superar a sua visão estática e classificatória significa pensar no processo de ensino-aprendizagem como um todo, fazê-lo trabalhar a favor da permanência do aluno no sistema de ensino, diminuindo os fracassos e a evasão, buscando uma aprendizagem efetiva e significativa.

Segundo Hoffmann, (1995:12):

... a contradição entre o discurso e a prática de alguns educadores e, principalmente, a ação classificatória e autoritária, exercida pela maioria, encontra explicação na concepção de avaliação do educador, reflexo de sua história de vida como aluno e professor.

Sendo a avaliação escolar um reflexo daquilo que foi vivido pelos próprios educadores, esta está diretamente relacionada a uma visão quantitativa, classificatória e a dicotomia erro/acerto.

Em contradição a esta visão, Gadotti, 1984 (Apud Hoffman, (1995:17)), enfatiza que “Educar é fazer ato do sujeito, é problematizar o mundo em que vivemos para superar as contradições, comprometendo-se com esse mundo para recriá-lo constantemente”.

Desta forma, é notória a necessidade de uma modificação da própria forma de pensar dos educadores para que estes possam refletir sobre sua prática avaliativa tendo em vista a descoberta de novos conhecimentos referentes a forma de como avaliar para proporcionar uma maior participação dos educandos e, conseqüentemente uma educação eficaz.

Nessa perspectiva, HOFFMANN (1995:18) afirma que:

A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação essa, que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade e acompanhamento passo a passo do educando na sua trajetória de construção do conhecimento. Um processo educativo, através do qual educando e educadores aprendem sobre si mesma e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação.

A idéia de uma avaliação cuja função principal seja a reflexão acerca da prática pedagógica também é enfatizada por TYLER Apud SAUL, 1995:26, cujo trabalho intitulado “Princípios básicos de currículo e ensino”, caracteriza a avaliação como um procedimento que permite verificar se os objetivos educacionais estão sendo atingidos pelos programas de ensino, tendo ainda a finalidade de fornecer informações quanto ao desempenho dos alunos em face dos objetivos esperados e possibilitando que se verifique o quanto as experiências da aprendizagem estão sendo significativas.

Acrescenta ainda que:

Como os objetivos visados consistem em produzir mudanças em seres humanos, em outras palavras com os objetivos visados em certas modificações desejáveis nos padrões de comportamento no estudante, a avaliação é um processo mediante o qual se determina o grau em que as mudanças de comportamento estão ocorrendo. (Tyler Apud Saul, 1995:27)

Frente a estas reflexões, a avaliação pode ser considerada como elemento que dá subsídio ao professor para que este desenvolva uma análise de todo trabalho realizado e relacionado a sala de aula, seja o planejamento de suas atividades ou a realização do programa de ensino, cabendo ao mesmo fazer uma ponte entre os objetivos propostos e os resultados obtidos na avaliação da aprendizagem em prol de uma “reflexão”, como destaca HOFFMANN, e tendo em vista a melhoria da qualidade e desempenho dos alunos.

A partir de então, a avaliação começa a ser encarada como um processo dialógico em que os alunos precisam estar cientes do que se espera através do processo avaliativo. Daí surge a necessidade da postura dialogal do professor para com estes, demonstrando assim os objetivos claros e precisos, através de atividades bem organizadas e dirigidas para os fins a serem alcançados. Segundo LUCKESI, (1997:179), “...entre os cuidados no processo de avaliação da aprendizagem, é preciso estarmos atentos ao processo de correção e devolução dos instrumentos de avaliação da aprendizagem escolar aos alunos...”.

Assim, nesta visão mais abrangente do processo, a avaliação da aprendizagem do aluno está diretamente ligada a avaliação do próprio trabalho docente. Ao avaliar o que o aluno conseguiu aprender, o professor está avaliando o que ele próprio conseguiu ensinar. Assim, a avaliação dos avanços e dificuldades dos alunos na aprendizagem, fornece ao professor indicações de como deve encaminhar e reorientar a sua prática pedagógica, visando aperfeiçoá-la. É por isso que se diz que a avaliação contribui para a melhoria da qualidade da aprendizagem e do ensino. De acordo com SOUZA, (1993:137), “A avaliação é uma faca de dois gumes. Diagnostica tanto a aprendizagem do aluno como o ensino oferecido pelo professor...”

Por esta propriedade, a avaliação da aprendizagem vai se caracterizar pelo envolvimento de alunos e professores, num diálogo igualitário e franco, no sentido de superar as dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem, em função da continuidade de atividades, do conteúdo programático e do seu relacionamento com outros ramos do saber.

Cabe ao professor trabalhar com a auto-estima dos alunos, estabelecendo vínculos afetivos, galgados na verdade e no diálogo, respeitando-os como pessoas que são, diferentes

Para Hoffman, (1995:21),

A avaliação deixa de ser um momento terminal do processo educativo (como hoje é concebida) para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento.

Assim, dentre os aspectos decorrentes da prática pedagógica, o processo avaliativo envolve mitos e preconceitos que precisam ser desvelados e superados. Para tanto, faz-se necessário buscar o entendimento que a avaliação revela, bem como o porquê se expressa de tal maneira, já que essa é uma prática que *“... tem uma dimensão política que pode reproduzir ou transformar uma sociedade. Não é um processo técnico, nem desprovido de intencionalidade”* (SAUL, 1997:19), ou seja, a prática avaliativa está estreitamente ligada a um modelo teórico-social, traduzido em prática pedagógica. Conforme SOUZA, (1994:15), *“... uma concepção de mundo, indivíduo e sociedade, que condiciona a tomada de decisões num plano educacional, nortecendo o fazer pedagógico na escola e na sala de aula”*.

Partindo do princípio de que o conhecimento é algo abstrato e por isso não pode ser medido ou pesado, é importante repensar a forma como a escola avalia como se o conhecimento fosse algo concreto que tivesse hora determinada para se manifestar.

Segundo LIMA, (1998:92), *“... não deve haver horas específicas de verificação. Todo momento é ocasião de apreciar o rendimento escolar”*. Assim, a avaliação vista como um ato constante, torna-se benéfico para ambas as partes envolvidas no processo.

Considerar, portanto, o ato de avaliar *“essencial e indissolúvel à educação, enquanto concebido como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação”* (HOFFMANN, 1995:17), é admitir que o fenômeno avaliativo deve subsidiar o professor para refletir constantemente sobre a sua própria prática. Para o aluno deve servir na conscientização de

suas conquistas, dificuldades e possibilidades de crescimento na aprendizagem. Para a instituição escolar, possibilita a definição das prioridades ou aspectos do processo ensino-aprendizagem que exigem maior atenção e apoio.

Desta forma, o que é considerado no processo avaliativo é a qualidade do conhecimento construído e não mais a quantidade de informações prontas e acabadas que foram assimiladas ou tão somente “decoradas” pelos alunos em função de uma atividade avaliativa como “provas”.

Segundo Demo, (1999:18), “Na qualidade não vale o maior, mas o melhor, não o extenso, mas o intenso; não o violento, mas o envolvente; não a pressão, mas a impregnação”.

Portanto, o desafio proposto à escola é o de redefinir ou reinventar o processo avaliativo, onde a mola mestra para o desenvolvimento dessa proposta é a reflexão consciente da própria ação pedagógica em que os sujeitos envolvidos diretamente no processo (professor e alunos) tenham competência crítica e desenvolvam ações conjuntas no sentido de efetivar um processo de ensino-aprendizagem de qualidade.

Neste contexto, Demo, (1999:22), enfatiza que:

O que está em jogo na avaliação qualitativa é principalmente a qualidade política, ou seja, a arte da comunidade se autogerir, a criatividade cultural que demonstra em sua história e espera para o futuro, a capacidade de inventar seu espaço próprio, forjando sua autodefinição, sua autodeterminação, sua autopromoção, dentro dos condicionamentos objetivos.

Com esta visão, a escola que se quer, ou que se deseja construir, não pode deixar de refletir sobre as práticas autoritárias, a serviço da exclusão e da dominação, reforçando a

lógica da sociedade. Nesse sentido, a avaliação assume um papel importante quanto a democratização do ensino.

Assim, tomando a avaliação por esta visão, como suporte da decisão, um dos fios que precisa ser bem puxado e desfiado no modelo do processo pedagógico escolar, quando se trata de avaliação, diz respeito ao erro. É fundamental enfatizar que o erro é ineliminável na vida humana e, especialmente, da escola que é lugar por excelência de aprendizagem, não aprende sem antes errar, refazer, testar e aprender com os próprios erros.

Neste contexto, é notória a importância do erro como rico momento de aprendizagem em sala de aula.

Na concepção de HOFFMANN, (1991:20):

Nessa dimensão educativa, os erros, as dúvidas dos alunos, são considerados como episódios altamente significativos e impulsionadores da ação educativa. Serão eles que permitirão ao professor observar e investigar como o aluno se posiciona diante do mundo ao construir suas verdades. Nessa dimensão, avaliar é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor, que incitará o aluno a novas questões a partir de respostas formuladas.

Assim, a prática avaliativa na escola precisa ser identificada como meio de intervir na educação do indivíduo, partindo da sua realidade, proporcionando mudanças benéficas. Desta forma, um ensino de qualidade não se dá através da exclusão de uma maioria, sendo, pois, necessário, uma tomada de decisão ou conscientização a respeito de tais aspectos.

É notório que, não cabe à escola selecionar os melhores ou piores, e sim trabalhar para que haja um avanço por parte dos educandos, uma maior participação de todos que fazem a comunidade escolar.

É mister lembrar que além da necessidade premente de reflexão contínua do educador, torna-se inevitável e fundamental que este educador esteja permanentemente buscando o conhecimento e aprofundamento teórico. Este novo pensar avaliativo exige uma visão ampla e detalhada de sua disciplina e conhecimentos teóricos que lhe possibilite analisar as hipóteses levantadas pelos educandos e estabelecer conexões entre estas formuladas pelos alunos e uma fundamentação científica de modo a ter maior possibilidade de argumentação frente as hipóteses geradas.

Segundo HOFFMANN, (1991: 20), *“Uma nova perspectiva de avaliação exige do educador uma concepção de criança, de jovem e adulto, como sujeitos do seu próprio desenvolvimento, inseridos no contexto de sua realidade social e política”*.

Uma avaliação assim, apaga o caráter classificatório tão antidemocrático do modelo em curso em muitas instituições escolares, para assumir um outro caráter que parte da compreensão de que o homem está em constante processo de construção do conhecimento e que, por isso mesmo, sua participação é necessária para a decisão sobre os caminhos que o projeto pedagógico e o currículo devem continuar tomando.

Nesta perspectiva de trabalho, o papel do avaliador não cabe somente ao professor, nem envolve apenas o desempenho dos alunos. É, pois, responsabilidade de todos que participam da construção e da avaliação de suas aprendizagens, decidem, discutem, criam, propõem, sugerem, criticam coletivamente as práticas pedagógicas da sala de aula, o currículo e o projeto pedagógico da escola para poder ter a avaliação que se espera.

Nesta visão contrária as pedagogias criada pelo modelo liberal conservador, são estabelecidos novos conceitos para a avaliação segundo HOFFMANN e LUCKESI:

A avaliação atravessa o ato de planejar e de acentuar, é o ato crítico que nos subsidia na verificação de como estamos construindo o nosso projeto se faz presente não só na identificação da perspectiva político-social, como também na seleção de meios alternativos e na execução de projeto tendo em vista a sua execução. (HOFFMANN, 1997:19)

A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista a tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. (LUCKESI, 1997:45)

Esse modo de avaliação da aprendizagem apregoado por LUCKESI, HOFFMANN e tantos outros é plena de significados se for para os estudantes e para os professores uma tomada de consciência do desempenho de ambos no processo de socialização e construção do conhecimento.

Dentro desta visão em que educar é formar, é aprender, é construir o próprio saber, a avaliação assume dimensões mais abrangentes. Ela não se reduza apenas a atribuir notas, como na avaliação tradicional, mas sua conotação se amplia e se desloca, no sentido de verificar em que medidas os alunos estão alcançando os seus objetivos dentro do processo de ensino-aprendizagem. E como caminho para efetivação dessa proposta LUCKESI, 1997:35), aponta estabelece a seguinte diferenciação:

Com função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento. Com a função dialógica, ao contrário, ela constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a competência, etc.

É fundamental que as buscas referentes ao processo avaliativo jamais cessem dada a importância desta atividade dentro do processo de ensino e aprendizagem. Assim, acreditamos que só através da interação e da busca permanente chegará o momento em que sejam estabelecidas teorias que promovam uma ação avaliativa menos traumática e que esta seja direcionada a construção de um momento permanente na sala de aula cujo princípio seja a busca por aprendizagem mais significativas, onde os educandos e educadores se unirão na busca do conhecimento e da formação de indivíduos crítico, conscientes e construtores de sua própria história.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Para a efetivação deste estudo optamos pelo desenvolvimento de pesquisa de cunho exploratório, dada a necessidade de se estabelecer um panorama acerca do objeto de estudo, visto que, segundo Santos, 2000:26, “explorar é tipicamente a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno”.

Desta forma, a pesquisa exploratória veio a permitir um contato mais próximo com o fenômeno em estudo.

Quanto aos procedimentos de coleta, privilegiou-se a pesquisa de campo, visto que as informações foram coletadas diretamente com a população pesquisada, os professores. Assim, fez-se uso de questionário composto por perguntas objetivas e subjetivas.

Assim, a pesquisa foi desenvolvida com as professores de quatro salas da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Infantil Crispim Coelho, situada na cidade de Cajazeiras-PB. Respectivamente a 1ª, 2ª, Pré-II e I.

A escola citada funciona em três turnos, atendendo a população de baixa renda da cidade. Pela manhã funcionam quatro séries do Ensino Infantil e Fundamental; a tarde funcionam duas turmas da primeira fase do Ensino Fundamental e duas da segunda fase; e, a noite são desenvolvidas atividades do Projeto EJA, que contempla a educação de Jovens e Adultos.

Quanto a estrutura física da escola, a mesma possui quatro salas de aula, diretoria, sala de professores e biblioteca conjugadas, cantina e almoxarifado. Todos em bom estado de conservação, limpeza e iluminação.

A biblioteca possui um bom número de exemplares tanto de livros didáticos quanto paradidáticos e infantis.

Tendo em vista uma maior aproximação com o universo pesquisado, optou-se pela realização de encontros direcionados para discussões acerca da temática: avaliação.

Na organização destes seis encontros com os professores da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Crispim Coelho, foram utilizadas dinâmicas de integração e de reflexão, como também o estudo sistemático e compartilhado de textos que contemplam a temática em estudo, tendo em vista um aprofundamento acerca dos conceitos teóricos e estabelecimento de relações com a prática avaliativa daqueles educadores.

Por fim, quanto a natureza dos dados, estes, após coletados, foram analisados tendo por base uma abordagem qualitativa dada a necessidade de compreensão e interpretação do fenômeno em estudo. Foi ainda estabelecida uma relação direta dos dados coletados com reflexões teóricas já existentes para uma efetivação mais coerente de conclusões.

CAPÍTULO IV

A AVALIAÇÃO NUMA PERSPECTIVA AUTÊNTICA E SIGNIFICATIVA

A coleta dos dados deu-se na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Crispim Coelho localizada na cidade de Cajazeiras - PB.

Os dados foram fornecidos através de questionário contendo cinco questões objetivas e três subjetivas.

Iniciou-se a análise pela questão concernente aos instrumentos de avaliação que as professoras utilizam para avaliar a aprendizagem dos alunos. Nesta as respostas se constituíram da seguinte forma: em primeiro lugar a alternativa mais apontada foi a de trabalhos em grupos, em segundo se destacou a alternativa de trabalhos individuais, em terceiro lugar a alternativa que se refere às provas escritas e no quarto lugar apontaram a alternativa das provas orais. Além disso, duas das professoras disseram que utilizavam outros mecanismos de avaliação: *“avaliação formativa, através de conceitos”*. (Professora **D**). Já a professora **C** nos repassa sua prática avaliativa da seguinte forma: *“com atividades diversas já que se trata do PRÉ-II”*.

Limitar-se unicamente ao uso de provas, que sejam orais, escritas ou trabalhos práticos pode causar danos ao processo por não atender às peculiaridades dos alunos de suprir deficiência no decorrer do processo ensino-aprendizagem. Tais formas de avaliação não atendem, se não precariamente, aos objetivos a que se destinam: a avaliação. A esse respeito, LUCKESI (1997; p.55) destaca que:

[...] o objetivo primeiro da aferição do aproveitamento escolar não será aprovação ou reprovação do educando, mas o direcionamento da aprendizagem e seu conseqüente desenvolvimento.

Todavia, é notório que estas atividades não foram as únicas mencionadas. Diante das alternativas marcadas, observamos que alguns professores começam a se desvencilhar dos métodos que explicita claramente a Avaliação Somativa, o que evidencia que o professor

começa a abrir mão de instrumentos de avaliação, tais como provas orais e provas escritas - instrumentos esses que até então eram únicos meios de avaliar o aluno - para buscar meios de melhoria tanto para o desempenho do aluno, como para o professor fazer uma análise geral de todo o trabalho realizado em sala de aula.

No entanto, observa-se que apesar de alguns enganos as práticas avaliativas estão tomando outro sentido, se posicionando do lado oposto ao pensamento de que avaliar é somente fazer um apanhado de “notas” e no final do ano aprovar ou reprovar o aluno de acordo com a quantidade de pontos exigidos para determinado fim, conforme se posiciona a professora **B** com relação ao objetivo do processo avaliativo: “O principal objetivo é conhecer até que ponto o aluno aprendeu para que se possa continuar e passar para outra etapa da educação.”

Um outro ponto de questionamento levado às professoras diz respeito ao fato de elas enfrentarem dificuldades no momento de avaliar seus alunos e aquelas que tivessem dificuldades fizessem uma descrição escrita dessas dificuldades.

As professoras **A** e **D** afirmaram não enfrentarem dificuldades, já a professora **C** apontou como dificuldade o fato dela ter 25 anos de prática em sala de aula e somente agora é que está tendo a experiência com uma sala com crianças na idade pré-escolar e, como tudo isso era “novo” para ela, tornava-se muito difícil determinar meios que avaliassem a aprendizagem dos seus alunos.

Ainda no que se refere às dificuldades no momento de avaliar, muitas vezes a heterogeneidade é um ponto crucial na prática avaliativa, visto que muitos dos educadores ainda estão arraigados na concepção de turmas homogêneas, se apegando ao fato de que é bem mais fácil se trabalhar, ou avaliar uma turma que não se caracterize pela diferença entre os alunos. Vejamos o que nos diz a professora **B** no seu depoimento em relação às dificuldades que ela enfrenta para avaliar seus alunos:

“O que dificulta a avaliação é a mistura que se encontra nas salas de aula, essa mistura que eu falo é quanto a formação dos alunos”. (professora **B**)

Na verdade, podemos ver que não ficou claro o que a professora **B** nos quis dizer em relação a sua dificuldade de avaliar. Na tentativa de compreendermos o que a professora quer

dizer observamos que ela pode estar se referindo ao fato das crianças não estarem alfabetizadas. Percebemos que a professora ainda compreende a avaliação como algo muito limitado, já que ela pensa que torna-se necessário que a criança esteja alfabetizada para poder ser avaliada. Desse ponto de vista é descartado uma avaliação que leve em consideração todos os aspectos construtivos dos alunos, como nos argumenta Jussara Hoffmann:

“A criança aprimora sua forma de pensar o mundo à medida em que se depara com novas situações, novos desafios e formulam e reformulam suas hipóteses”. (1995, p.67)

Neste contexto é fundamental que os educadores estejam empenhados para este processo de mudança, no qual não se pode esperar que os educandos constituam uma “tabula rasa” inertes apenas ao que se ensina na escola. É, pois, necessário ressaltar que estes alunos trazem e constroem novos conhecimentos ao passo que se relacionam com outros indivíduos, como também é preciso respeitar o desenvolvimento individual de cada um, desta forma, não podem responder de forma igual a atividades avaliativas lançadas pelos professores.

No mesmo questionário foi levantada a questão no que se refere aos aspectos que cada professora leva em consideração para avaliar seus alunos. O aspecto mais apontado refere-se a participação nas aulas e a assiduidade, ou seja, o posicionamento de cada aluno mediante os desafios propostos na sala, como também a sua presença diária na escola. Em segundo lugar vem o aspecto que se refere a aprendizagem dos conteúdos, se o aluno realmente conseguiu atingir o objetivo proposto pela disciplina.

Segundo HOFFMANN (1991:18):

A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento, passo a passo, na sua trajetória de construção do conhecimento.

Outro aspecto apontado foi a pontualidade e cumprimento de tarefas, nesse momento a criança passa a ser avaliada através de sua pontualidade em obedecer horários, como também em seu desempenho em cumprir as tarefas determinadas pela professora.

Partindo do pensamento de que a avaliação se destina ao diagnóstico e, por isso mesmo, à inclusão; destina-se à melhoria do ciclo da vida (LUCKESI, 1997; p.180), cabe ao professor observar todos os aspectos que envolvem o processo ensino-aprendizagem, pois só assim ele terá uma visão ampla de tudo o que acontece nesse processo, podendo assim tomar a direção adequada para ajudar na aprendizagem.

Com relação aos dados coletados acerca da formação continuada das educadoras, as mesmas afirmaram ter participado de cursos ou estudos sobre avaliação da aprendizagem. Todavia, quando foi solicitada a descrição dos conteúdos ministrados nestes estudos, apenas duas o fizeram:

“Instrumentos para avaliação dos alunos; o que é avaliação e formas de avaliar”. (professora D)

“Discussões sobre o ato de aprender e ensinar e instrumentos de avaliar”. (professora A)

É importante para o professor conhecer os aspectos que envolvem o processo avaliativo, visto que, ele é um sujeito constituinte do processo ensino-aprendizagem. Torna-se necessário a formação e busca constante, que ele aprofunde seu conhecimento relativo a essa prática para que a mesma não se transforme num instrumento de exclusão. O professor precisa tomar consciência de que o ato de avaliar é algo que impulsiona a reflexão e a construção do conhecimento.

Seguidamente, foi solicitado a cada professora que descrevessem as formas que cada uma utilizavam para avaliar seus alunos.

Cada professora procurou responder de forma sintética quais os instrumentos que utilizam para avaliar os alunos. No entanto, nos depoimentos de duas professoras não estão explícitas as estratégias de avaliação que elas consideram para avaliar o aluno, mas apenas os critérios que utilizam. O que demonstra um entendimento equivocado por parte das mesmas acerca desses aspectos.

Apesar de se apontar novas práticas de avaliação, e de hoje em dia se falar muito em avaliação qualitativa, resta-nos saber se o professor está realmente preparado para essa prática.

Através do depoimento da professora A, observamos que avaliação qualitativa começa a fazer parte do processo ensino-aprendizagem, já que a importância de se dialogar, analisar e favorecer a reflexão do aluno parece estar se tornando uma prática cada vez mais necessária na escola. Além disso, essa avaliação não só favorecerá o aluno, como também o professor, subsídios para ir além da classificação dos seus alunos, já que:

O educando como sujeito humano e histórico; contudo julgado e classificado, ele ficará, para o resto da vida, do ponto de vista do modelo escolar vigente, estigmatizado, pois as anotações e registros permanecerão, em definitivo, nos arquivos e nos históricos escolares... (LUCKESI, 1997; p.35)

Vê o educando de forma dinâmica exige do professor uma prática pedagógica pautada em critérios que levem à reflexão e a construção. Para isso, é preciso que o educador realmente saiba como avaliar seus alunos.

LIMA (1998), afirma que a avaliação precisa ser vista como um ato constante, para que dessa forma ela possa trazer grandes benefícios para ambas as partes envolvidas no processo.

Na questão referente ao entendimento do que seria o ato de avaliar, vejamos o depoimento das professoras:

É o momento em que o professor diagnostica, ou seja, observa melhor se o aluno está aprendendo para desenvolver os conteúdos de maneira a atender as necessidades dos mesmos. Observa também em todo o processo transcorrido em sala de aula. (professora **A**)

Para mim, avaliar é um recurso para saber o quanto seu aluno aprendeu. Não é só “provas”, mas todo e qualquer meio que se chegue a esse fim. (professora **D**)

No depoimento da professora **A**, ela nos afirma que avaliação é um meio de se diagnosticar a aprendizagem do aluno e também todo o processo que envolve essa aprendizagem; a professora **B** coloca que avaliar não é só atribuir notas, mas que avaliar é um meio que leva a compreensão da aprendizagem de cada aluno, observando o que se faz necessário fazer para atender as necessidades de cada aluno; a professora **D** coloca que avaliar é um meio que aponta “quanto” o aluno aprendeu.

A professora **D**, portanto, parece estar mais preocupada com quantidade do que com qualidade, ou seja, quando ela diz que “avaliar é um recurso para saber o quanto seu aluno aprendeu”, está nos repassando a idéia de que a avaliação é algo que aponta se o aluno realmente conseguiu absorver o que já vem pré-determinado, se no final da unidade o aluno realmente conseguiu aprender “todos os conteúdos”.

Porém, é essencial que saibamos que a avaliação é algo complexo e dinâmico, que não só poderá nos dar pistas do que realmente o aluno aprendeu, como também nos apontará novos caminhos rumo a reestruturação na nossa própria prática pedagógica em sala de aula.

Quando foi solicitado às professoras que cada uma apontasse uma definição do que seria avaliação, ou seja, ou que elas entendiam por avaliação, foi possível constatar que uma das professoras encontrou grande dificuldade em se expressar levando-nos a crer que a mesma

possui conhecimentos precários acerca do tema. Entretanto, observamos através do depoimento das demais que, apesar das dificuldades, elas já começam a perceber que avaliar é um processo mais dinâmico que ultrapassa a idéia de classificação através de notas, visto que a avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado (aluno), fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transforma-lo. A definição mais comum sobre a avaliação nos esclarece que “A avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão”. (LUCKESI, 1978)

Finalizando o questionário, foi solicitado que cada professora apontasse qual seria o objetivo da avaliação, cada uma se expressou da seguinte forma:

“É perceber até que ponto o aluno aprendeu o conteúdo para replanejar as aulas ministradas”. (professora A)

“O principal objetivo é conhecer até que ponto o aluno passa continuar e passar para outra etapa da educação”. (professora B)

“Analisar atividade do conhecimento do aluno”. (professora C)

“Como já falei antes, é saber o quanto seu aluno já aprendeu”. (professora D)

A professora **A**, acrescenta que o objetivo da avaliação, além de apontar a aprendizagem da criança, também objetiva direcionar os trabalhos do professor, de forma a replanejar as aulas ministradas. Nas respostas das professoras **B** e **C**, observamos que elas concebem que o objetivo da avaliação é apontar se a aprendizagem do aluno foi satisfatória ou não, já a professora **D** se equivocou um pouco na sua resposta, visto que a mesma atribuiu a mesma resposta às perguntas o que seria o ato de avaliar e qual o objetivo da avaliação.

Diante desta disparidade de visões quanto ao processo avaliativo na escola, é fundamental, conforme enfatiza Santana, que o educador seja, antes de mais nada, um eterno educando, aberto a novas aprendizagens, como também a ressignificação de antigos conceitos.

Somente a partir desta mudança é que poderá se desenvolver na escola uma avaliação numa visão pedagógica mais humanizada, desprendida do aspecto classificatório e

excludente, e que passa a auxiliar o docente no seu trabalho e a ajudar a criança a desenvolver seu potencial de forma bem satisfatória. Para que isto realmente aconteça, o professor precisa perceber que a criança é um ser capaz de construir seus conhecimentos, tomar suas decisões, tornar-se autônomas intelectual e moralmente e que são eles que permitirão ao professor observar e investigar como o aluno se posiciona diante do mundo ao construir suas verdades. (Hoffmann, 1995; p.20).

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: O DESPERTAR DE UMA PRÁTICA

Neste contato direto com os professores durante as atividades e encontros, buscou-se criar momentos de crescimento e aprendizagem mútua, onde foi permanente a preocupação em tentar fornecer contribuições à prática destes docentes e ao processo ensino-aprendizagem.

Os encontros foram iniciados a partir das atividades de reflexão e estudo sobre avaliação escolar pautando-se em autores como: LUCKESI, HOFFMANN e outros.

Durante os encontros, foi possível constatar, com alegria, o interesse da equipe em aprofundar os debates que propunham com questionamentos persistentes e reflexões sobre o seu fazer pedagógicos.

De início, no primeiro encontro, ao serem estabelecidas metas de reflexão acerca do texto “Uma Breve Síntese Histórica da Educação e, a partir das discussões geradas, foi possível observar que alguns educadores afirmam não ter conhecimento do sentido da avaliação no processo ensino-aprendizagem, apontando que tal lacuna advém dos poucos investimentos na educação e no professor, ou seja, na formação deste enquanto profissional, como nos falam em docente.

Para LIMA (1994, 15), “...chegamos ao início da década de 90, discutindo o que já se discutia na década de 30 ... e, mais uma vez, sem respostas concretas para a escola...”

As respostas as quais Lima se refere, estão ligadas as mudanças tão faladas no processo educativo, visto que, estas são tema de muita discussão conversa e pouca aplicabilidade.

Neste contexto, como podem ocorrer mudanças com as péssimas condições de trabalho dos próprios educadores? Quais condições lhes são promovidas para que estes desenvolvam uma formação continuada? Como podemos adotar métodos e fórmulas quando aqueles que a criam não as põem em prática?

De fato é possível detectar as contradições e problemas apresentados pelos professores no cotidiano de nossas escolas ao passo que eram estabelecidas as atividades e reflexões de textos diversos.

Um dos elementos mais ressaltados pelos educadores durante as discussões diz respeito a função da avaliação na escola.

Ao passo que a avaliação é encarada como uma forma de obter informações acerca do rendimento dos alunos, SOUSA (1993:30), ressalta que “avaliar significa emitir um julgamento de valor ou mérito, examinar os resultados educacionais para saber se preenchem um conjunto de objetivos educacionais.”

Nesse sentido, torna-se difícil aperfeiçoar práticas já existentes, essencialmente quando alguns se excluem do processo, criando empecilhos que venham a atrasar as transformações.

É evidente que uma transformação na avaliação é complexa, pois pede mudanças na maneira como muitos educadores vem trabalhando a avaliação.

Essa transformação ocorre de forma lenta. Todavia ela já pode ser observada, embora discretamente conforme ressalta uma das professoras pesquisada ao afirmar que “avaliar não é só atribuir notas e sim compreender o processo de aprendizagem de cada aluno, vendo suas necessidades para aprender o que se faz necessário”.

Nestes termos LUCKESI (1990: 42),

Entendemos avaliação como um juízo de qualidade sobre dados relevantes tendo em vista uma tomada de decisão. É bem simples, são três as variáveis que devem estar sempre juntas para que o ato de avaliar cumpre o seu papel.

Desta forma, há professores que começam a compreender a avaliação como um momento reflexivo, onde ocorre uma auto-avaliação de modo a detecta as dificuldades dos educandos e dos educadores e, desta forma, buscarem meios para superá-las.

Nesta visão, SOUSA (1993:137) destaca que “A avaliação é uma faca de dois gumes. Diagnostica tanto a aprendizagem do aluno como o ensino oferecido pelo professor. O fracasso do aluno é o fracasso do planejamento”.

No ato de avaliar é importante que o professor conheça a realidade do seu aluno para só assim avaliá-lo na sua totalidade. O professor tendo esse discernimento sobre o educando, buscará estratégias compatíveis para tal realidade fazendo-se necessário ter objetivos claros de onde se quer chegar, articulando com a realidade do aluno e estando sempre atento para não passar conhecimento do senso comum, isto é restringir o nível de ensino esquecendo de ensinar a cientificidade do saber elaborado historicamente pelo homem.

Foi perceptível, durante o estudo dos textos, que alguns professores mostravam-se angustiados, pois a teoria defendida pelos autores estudados durante o estágio, contradizia com suas ações avaliativas, que até então, consideravam corretas.

Desta forma, os debates e situações geradas pelo estudo dos textos, no estágio, propuseram uma certa inquietação ao passo que levaram os educadores a refletirem sobre suas posturas enquanto avaliadores e, desta forma, tentarem buscar meios de superar os empecilhos gerados pelas diferenças encontradas na escola, como no caso na professora que encontrava-se angustiada dada a heterogeneidade de nível de leitura dos alunos.

Somente a partir da inquietação acerca de determinadas ações na escola torna-se possível a tomada de decisões pedagógicas inteligentes, que levem os educadores a enfrentar e resolver os problemas de aprendizagem.

Alguns professores vêem a avaliação como uma poderosa ferramenta de trabalho, que os auxilia a aperfeiçoar-se profissionalmente ao buscar soluções para os problemas de aprendizagem das crianças, usando os resultados das avaliações para compreender em que estágio se encontram os alunos e para tomar decisões que os ajudem a avançar no processo de aprendizagem apesar de outros tantos que ainda encontram-se arraigados a uma avaliação voltada tão somente para manter os alunos direcionados ao que se desenvolve na sala de aula.

Numa visão geral, constamos que as análises feitas no decorrer deste trabalho possibilitou-nos perceber que um número expressivo de professores acredita num

redimensionamento do processo avaliativo, mesmo com todas as dificuldades que enfrentam ao percorrer um novo caminho.

Por fim, a conclusão dos encontros nos fez crer que apesar de alguns obstáculos os professores da Escola Municipal Crispim Coelho já começaram a perceber a avaliação como um processo de grande importância no sentido não só de classificar, mas de refletir a nossa prática pedagógica e, acima de tudo, diagnosticar as verdadeiras necessidades dos educandos.

A observação e análise dos comportamentos, ações e idéias veiculadas por este grupo de professores constituem algumas das faces de suas práticas adquiridas a partir de sua formação escolar, sua prática cotidiana ou pela busca permanente de formação continuada.

Todavia, não se buscou, neste estudo, classificar estes professores a partir de determinados critérios, mas sim, com base na contribuição de vivências destes, refletir acerca de como é desenvolvido o processo avaliativo nas turmas de Ensino Infantil e Fundamental em nossas escolas, visando, pois, permitir a busca por novas perspectivas.

A PRÁTICA DA SUPERVISÃO NA ESCOLA

Já no acompanhamento feito do trabalho desenvolvido pela Coordenação Pedagógica da Escola Municipal do Ensino Fundamental Crispim Coelho, foi observado que a sua prática se expressa de forma que nos faz pensar que a mesma ainda não despertou para um momento que a levasse a uma consciência crítica do seu verdadeiro papel dentro da escola. Na sua prática percebemos a ausência da internalização do seu papel no processo de formação dos professores.

Foi possível ver que a coordenadora pedagógica ainda tem sua prática atrelada ao conceito de que coordenador é aquele profissional que está na escola para a ajudar na questão administrativa, decorativa e disciplinar da escola.

Na realidade, o que se verifica é que o coordenador pedagógico ainda não tem uma concepção definida do seu papel dentro da escola e esse fato a leva a assumir papéis que não são exclusivamente seu. E, na tentativa de se auto-afirmar e de estabelecer parâmetros que

subsidiem sua prática, o coordenador começa a desejar uma mudança na sua função, como nos mostra o relato reflexivo 01 (Eliane Barubini: 2003, 73) “percebi, nesse início do nosso processo, que faltava rotina, disciplina, reflexão. Precisava de objetivos claros, precisava planejar e executar um plano de formação, o meu plano”.

Observamos ainda que na rotina da coordenadora encontra-se a preocupação dela, em vigiar se as salas de aulas estavam todas ocupadas pelos seus respectivos professores, além disso ela não se expressou de forma que conhecemos sobre as expectativas, anseios, desejos e objetivos no que concerne ao seu trabalho na formação de professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca investigativa concernente à efetivação da avaliação desenvolvida pelos educadores da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Crispim Coelho não se configurou apenas um mero estudo sobre a avaliação, mas foi sobretudo uma leitura reflexiva que proporcionou um adentrar-se na realidade educacional e, ao mesmo tempo, nos ajudou a perceber o quanto é importante promover momentos de estudo e redimensionamento dos nossos educadores quanto a prática da avaliação na escola. Esse estudo fez-nos, ainda, debruçar no contexto humano e social e nos levou a questionar como anda a nossa prática escolar diante dos desafios propostos pela sociedade.

O desenvolvimento da pesquisa, por meio de questionários, e dos encontros pedagógicos, nos permitiu acreditar que a avaliação contínua é um caminho de desenvolvimento e crescimento integral, pois a mesma ajuda os alunos a sentirem gosto pelo estudo, a se preocuparem com as atividades cotidianas, sem esquecer que o medo, que antes predominava, já não existe mais com tanta frequência. Os alunos avaliados continuamente são mais livres para expor suas idéias, apresentar sugestões, questionar e participar da aula.

Todavia, também por meio dos elementos de pesquisa supracitados, é notória a necessidade de investimento urgente em formação continuada de nossos educadores que, ainda hoje, encontram-se com muitas deficiências teóricas para a execução de suas atividades práticas e para a promoção de uma educação diferenciada que proporcione uma avaliação voltada para a educação e não para a exclusão dos indivíduos.

É importante chamar a atenção que os educadores encontram-se motivados para as mudanças, embora não disponham de condições que permitam o desenvolvimento de estudos que os levem ao crescimento mútuo.

É sabido que a avaliação não se trata apenas de verificação de conhecimentos, ela deve ajudar no dinamismo que serve para redimensionar a ação a fim de atingir os resultados desejados.

Neste sentido, a boa aprendizagem é caracterizada como um processo dinâmico, que promove atividades desafiadoras e inovadoras a cada dia para a escola e principalmente para a vida dos alunos.

Dessa forma, educador e educando vão formando uma cadeia de relacionamentos e conhecimentos ao longo da caminhada diferentes das promovidas pela educação com base tradicional.

Entendemos que o tema sobre avaliação não esgota argumentos e sugestões que possam determinar um conhecimento acabado. Adquirimos apenas subsídios para uma melhor compreensão da prática avaliativa utilizada nas escolas.

É certo que nem tudo está solucionado com relação ao surgimento da avaliação contínua e formativa. É, talvez, uma utopia o dia em que todas as escolas avaliem os seus alunos com base nas atividades cotidianas, do seu potencial, de suas capacidades e habilidades. No entanto, os grandes feitos da humanidade surgiram de sonhos.

Finalmente, espera-se que o conteúdo desse trabalho contribua para despertar a motivação necessária à realização do seu objetivo, que inicie transformações de mentalidade daqueles que estão inseridos em atividades educacionais e da prática avaliativa, aprimorando o processo ensino-aprendizagem. Pois entendemos que não só a dinâmica de nossa vida, mas a do processo educativo exige um eterno aprendizado subsidiado, principalmente, pela avaliação do nosso procedimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, Adriana de Oliveira. Avaliação Escolar, julgamento ou construção. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SANT'ANNA, Ilza Martinz. Por que Avaliar? Como Avaliar?: Critérios e Instrumentos. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

SOUSA, Clarilza Pardo de. Avaliação do rendimento escolar. (cor) 2ªed. Campinas-SP: Papirus, 1993 – (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico)

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e proposições. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

HOFFMANN, Jussara Maria. Avaliação Mito e desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre, 1991.

ANEXOS

PAUTA DO 5º ENCONTRO

OBJETIVO:

Perceber que o erro é um processo pelo qual a criança passa para construir seus próprios conceitos.

TEMA:

Uma visão construtiva do erro (Jussara Hoffman)

PROGRAMAÇÃO:

Momento reflexivo: Leitura do texto “Motivação para o seu dia”

Apresentação do texto: Uma visao construtiva do erro

Leitura coletiva e debate do texto

QUESTIONÁRIO

Especifique sua formação: _____

1. Você avalia seus alunos através de:

- provas orais
- provas escritas
- trabalho em grupo
- trabalho individual
- debates
- outros. Especifique.

2. Você enfrenta dificuldades em relação à avaliação?

- sim não

3. Se você enfrenta dificuldades com o processo avaliativo de sua turma, especifique essas dificuldades.

4. Você já participou de estudos sobre a avaliação da aprendizagem? Caso sua resposta seja afirmativa, descreva os conteúdos desenvolvidos.

- sim não

5. Que aspectos você leva em consideração ao avaliar seus alunos?

- participação na aula
- cumprimento das tarefas
- assiduidade
- pontualidade
- aprendizagem dos conteúdos
- outros. Especifique.

6. Qual a melhor forma de avaliar os seus alunos?

7. O que você entende por avaliação?

8. Para quê qual o principal objetivo da avaliação?